



## UMA ANÁLISE DO PAPEL DO ALUNO COMUNICATIVO CONFORME PROPOSTA METODOLÓGICA DE DUAS ESCOLAS DE INGLÊS ONLINE

### ANALYSIS OF THE ROLE OF THE COMMUNICATIVE STUDENT ACCORDING TO THE METHODOLOGICAL PROPOSAL OF TWO ONLINE ENGLISH SCHOOLS

Felipe Noronha da Silva, Kátia Camanho de Oliveira, Plínio Roberto Teixeira de Carvalho, Rute Penha da Silva, Shirley da Silva<sup>1,2,3,4,5</sup> Orientador: Me. Orison Marden Bandeira de Melo Júnior<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo visa a verificar o papel do aluno comunicativo nas propostas metodológicas de duas escolas de inglês online, escolhidas aleatoriamente, e denominadas, para fins deste artigo, de *Online English School 1* (OES1) e *Online English School 2* (OES2). Buscou-se, através de análise de palavras e frases retiradas das propostas apresentadas em seus sites, verificar se a competência comunicativa, a fluência e o papel do aluno eram abordados pelas escolas. Percebeu-se que as referidas instituições apresentam, em sua metodologia, o papel do aluno comunicativo no processo de desenvolvimento da comunicação/fluência em língua estrangeira. Concluiu-se que, apesar de não apresentarem o ritmo individual nem o domínio de aprendizagem de cada aluno como essenciais para alcançar a fluência, as escolas inseriram, em suas metodologias, o papel do aluno nesse processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Papel do aluno. Competência comunicativa. Fluência. Escolas de inglês online.

**ABSTRACT:** *This article aims at verifying the role of the communicative student in the proposed methodologies of two online English schools. The schools were chosen randomly and were named, in order to be presented in this article, Online English School 1 (OES1) and Online English School 2 (OES2). By analyzing the words and sentences used in the schools' homepage, under methodology, this study tried to verify whether they referred to communicative competence, fluency and the role of the students in the process of competency/fluency acquisition. It was possible to conclude that, despite the fact that they presented, in their methodology, the role of the students in the process of competency/fluency acquisition in this foreign language, they failed to present the individual rhythm of the student and their learning background as essential to this process.*

**KEYWORDS:** *Student's role. Communicative competence. Fluency. Online English Schools.*

#### Introdução

Muito tem se discutido sobre a importância de se desenvolver a competência comunicativa em língua inglesa, já que a própria sociedade atual necessita cada vez mais de pessoas que saibam se comunicar nessa língua. O inglês é um idioma presente na sociedade globalizada, e através dele existe a possibilidade

de se ampliar oportunidades de emprego, além de se obter conhecimento sobre o mundo contemporâneo com acesso a diversas informações.

David Crystal, em sua obra *A revolução da linguagem* (2005), explica que o surgimento do inglês como língua mundial foi uma das tendências que tiveram destaque na década de 1990. Segundo o autor,

<sup>1,2,3,4,5</sup> Alunos do curso de Letras da UNICID

<sup>6</sup> Graduado em Letras pela UnG; especialista em Ensino de Língua Inglesa e em Educação a distância; mestre em Literatura e Crítica Literária e aluno de doutorado em Linguística Aplicada.



desde o século XVIII, já havia o reconhecimento de que o inglês pudesse desempenhar um papel global. Em 1780, por exemplo, o presidente dos Estados Unidos, John Adams, já dizia que o inglês seria uma língua mundial em sentido mais amplo do que foi o latim na era passada ou o francês na sua época.

Luiz Paulo da Moita Lopes, em seu artigo *Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação* (2008), aponta que os avanços tecnológicos, os meios de comunicação, como o acesso à Internet e à TV, proporcionam às pessoas o conhecimento do mundo. Hoje é possível saber o que se passa com outros povos em tempo real; através dos noticiários e da internet é possível conhecer outras culturas e outros estilos de vida. A linguagem desempenha um papel fundamental nesse processo. Nesse contexto, surge a importância de se aprender inglês, já que é a língua presente nos discursos de pesquisas, tecnologia, comércio, finanças, congressos, dentre outras várias áreas de importância mundial.

Crystal (2005) declara que o objetivo da educação é o acesso ao conhecimento, e o inglês tornou-se um meio para adquirir o conhecimento mundial. Por esse motivo, muitas nações fizeram do inglês a língua oficial ou a escolheram como língua estrangeira. Assim, o ensino da língua inglesa se tornou uma das indústrias que mais cresceram no mundo nos últimos 30 anos.

Diante disso, surgem inúmeras escolas de inglês *online* que dizem oferecer a fluência para os seus alunos. Essas instituições buscam atender uma grande quantidade de alunos que necessitam desenvolver a competência comunicativa em inglês de forma cada vez mais rápida a fim de se inserirem no processo de globalização. A internet é uma rede de transmissão de dados; isso acaba tornando o estudo cada vez mais rápido e, conseqüentemente, alcança milhares de pes-

soas ao mesmo tempo. De acordo com Teeler e Grey, em seu texto *How to use the internet in ELT* (2000), a *World Wide Web*, que significa rede de alcance mundial - conhecida como *Web* ou *WWW*, pode ser utilizada como fonte de pesquisas de acordo com a necessidade e interesse de cada aluno, trazendo assuntos enriquecedores para quem a utiliza.

A presente pesquisa se justifica, portanto, pela curiosidade de se conhecer as metodologias de algumas dessas instituições que utilizam a internet para o aprendizado de seus alunos e realmente entender o papel do aluno nesse contexto de aprendizagem. Muitas dessas escolas *online* apresentam suas metodologias e dizem que o aluno falará perfeitamente o inglês, oferecendo, inclusive, um certificado de fluência ao final do curso. Dentre essas escolas estão a *Online English School 1* (OES1) e *Online English School 2* (OES2)<sup>1</sup>, que serão o objeto desta pesquisa.

Dentro desse contexto, levantou-se a seguinte pergunta de pesquisa: Em que medida as escolas de inglês *online* que dizem promover a fluência apontam, em sua metodologia, o papel do aluno comunicativo no processo de desenvolvimento da comunicação em língua estrangeira?

O objetivo deste artigo é, portanto, propor uma análise dessas escolas de inglês *online*, buscando verificar o papel do aluno na aprendizagem conforme as propostas metodológicas dessas instituições. Além disso, buscar-se-á, dentro de um aparato teórico, averiguar o significado do termo fluência, muito utilizado no processo de aprendizagem oferecido por essas escolas e apontar a sua relação com o papel do aluno.

Para responder à pergunta de pesquisa proposta, esse artigo mostrará, em primeiro lugar, a diferença entre aprendizado de segunda língua e língua estrangeira, a competência comunicativa e a sua relação com fluência, além de apresentar o papel do aluno no

<sup>1</sup> As escolas foram escolhidas de forma randômica, e seus nomes foram preservados. Daí, a utilização de nomes fictícios.



processo de aprendizagem. Em segundo lugar, apresentar-se-ão as escolas OES1 e OES2 e suas metodologias conforme apresentadas em seus sites. Por fim, far-se-á uma análise de palavras e orações encontradas nas páginas que apresentam a metodologia de cada escola *online*, a partir das teorias apresentadas, a fim de se responder à pergunta de pesquisa.

### 1 Fundamentação teórica

Crystal (2005) explica que, para entender como uma língua pode se tornar global, deve-se entender a atualidade. Para obter status, essa língua tem de ser usada por vários países do mundo. Existem dois modos para esse fato ocorrer. Primeiro, a língua pode se tornar oficial (ou semioficial) e ser usada como forma de comunicação no governo, em tribunais de justiça, na mídia e no sistema educacional. Para tanto, é imprescindível seu domínio. Isso é bem representado pelo inglês que tem um status administrativo em mais de 70 países, como Gana, Índia e outros. Em segundo lugar, no ensino de uma língua estrangeira, uma língua pode se tornar prioridade em um país, tornando-se o idioma que tanto as crianças terão mais possibilidade de aprender nas escolas quanto os adultos poderão aperfeiçoar-se nessa língua. Mais de 100 países tratam o inglês como esse tipo de língua estrangeira, sendo reconhecido como principal língua estrangeira a ser ensinada nas escolas.

Dessa forma, Crystal (2005) aponta que o uso de uma língua pelos falantes como primeira língua, segunda língua ou língua estrangeira termina por transformá-la em uma língua muito utilizada no mundo; todo isso ocorreu com a língua inglesa. Ainda esclarece que uma língua se torna mundial pelo poder das pessoas que a falam. Esse poder representa poder político (militar), tecnológico, econômico e cultural (incluindo cinema, música popular, dentre outros). Cada um desses poderes impulsionou o crescimento do inglês em diferentes épocas.

O linguista afirma que, por quase 400 anos, o

inglês tem sido um veículo extremamente importante na imprensa, além do domínio cultural, que também impulsionou o inglês no mundo. A tecnologia da indústria cinematográfica possui muitas raízes na Europa e nos Estados Unidos. Ainda hoje, os filmes em língua inglesa predominam: não é comum encontrar um filme de grande sucesso produzido em outra língua que não seja o inglês. Assim como nos cinemas, na indústria do disco, a língua inglesa esteve logo em evidência. Muitas pessoas têm seu primeiro contato com o inglês através da música popular.

Para entender toda essa influência do inglês no mundo, convém conceituar os termos primeira língua, segunda língua e língua estrangeira. Karen Pupp Spinassé, em seu artigo *Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil* (2006), conceitua primeira língua ou língua materna como sendo a língua que todas as pessoas aprendem como uma primeira, é utilizada no dia a dia e caracteriza a sua origem. Além disso, afirma que a língua materna não é, necessariamente, a língua da mãe, mas é a língua que primeiro se aprende, e, em casa, é muitas vezes a língua da própria comunidade. Com a língua materna adquirem-se também os valores pessoais e sociais. No entanto, a autora questiona que a língua da comunidade pode não ser a dos pais, e quando um indivíduo aprende as duas línguas, a pessoa tem mais de uma língua materna, ocorrendo um caso de bilinguismo. Para compreensão, a autora exemplifica: uma criança nasce e cresce na Alemanha, porém seu pai é francês e sua mãe colombiana. Caso ela se comunique com cada um de seus pais na respectiva língua que falam e na rua, em alemão com outras pessoas, essa criança tem três línguas maternas: o alemão, o francês e o espanhol. Passado alguns anos, se essa mesma criança se mudar para a Inglaterra, por exemplo, e necessite aprender o inglês para se socializar, tem-se um caso de segunda língua.

Spinassé (2006) diferencia a segunda língua da

língua estrangeira, definindo que a aquisição da segunda língua está diretamente relacionada com a necessidade de se comunicar em um processo de socialização. A aquisição da segunda língua ocorre por meio de um contato intenso com essa nova língua, sendo essencial para a integração social e para a vida em sociedade.

A autora explica que a semelhança entre a segunda língua e a língua estrangeira é que, para ambas, a pessoa que as pratica já possui a habilidade linguística de fala, pois essa pessoa já tem uma organização de pensamento, adquirido com a língua materna. A diferença entre elas é a função da segunda língua na cultura de quem fala. Na aprendizagem de língua estrangeira não existe uma aproximação tão grande. A língua estrangeira, portanto, não é necessária para integração social como ocorre com a segunda língua. A segunda língua é diretamente usada na comunicação; ela é, portanto, necessária na sociedade, enquanto a língua estrangeira, não.

Diante disso, Spinassé (2006) declara que a segunda língua tem uma função institucional e social na comunidade enquanto a língua estrangeira pode ser aprendida na sala de aula, não possuindo uma função importante para aquela sociedade ou para a integração das pessoas dessa comunidade, já que não existem situações para comunicação fora da sala de aula. A Índia e as Filipinas são exemplos de países que possuem o inglês como segunda língua, já o Brasil e a Itália são exemplos de países em que o inglês é aprendido como língua estrangeira.

Florinda Scremin Marques, em sua obra *Ensinar e aprender inglês: o processo comunicativo em sala de aula* (2011), explica que, desde o século XX até nossos dias, surgiram vários meios de abordagem de ensino-aprendizagem de língua inglesa e que já haviam sido criados os conhecimentos teóricos necessários relativos à aquisição da linguagem; no entanto, para a autora, faltavam ainda meios que ajudassem o aluno a sair realmente preparado para a comunicação.

Para isso foi desenvolvida a abordagem comunicativa, que tem como seu maior objetivo o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Sua meta está no processo comunicativo, e o veículo dessa comunicação é a linguagem. Ainda de acordo com Marques (2011), foram selecionados alguns princípios da CLT (*Communicative Language Teaching* – Ensino de Língua Comunicativa), com enfoque na aprendizagem significativa; são eles: o Princípio Comunicativo 1: qualquer atividade que promova a comunicação é válida para o aprendizado; o Princípio Comunicativo 2: o aluno aprende a se comunicar, comunicando-se; o Princípio da Significância: o aprendizado ocorre quando tudo faz sentido para os aprendizes; o Princípio da Contextualização: a contextualização das atividades é muito importante nesse processo; o Princípio das Tarefas Comunicativas: é necessário dar uma razão real para que a aprendizagem ocorra, trazendo situações da vida real; o Princípio da Criatividade: o processo de aprendizagem só é aperfeiçoado se os aprendizes usarem a linguagem de forma criativa, e o Princípio da Autonomia: os aprendizes devem ser responsáveis pelo seu próprio aprendizado, tornando-os autônomos.

Para Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, em seu texto *Como se aprende uma língua estrangeira?* (2005), a abordagem comunicativa vê a língua como um instrumento de comunicação e não como uma grande quantidade de regras e informações que o aprendiz ou o usuário da língua tenha de dominar. Para Márcia Regina Marcolino Gherardi, em *A abordagem comunicativa e o sócio construtivismo e suas contribuições para o processo ensino-aprendizagem* (2006), essa habilidade de comunicação real e significativa recebe o nome de competência comunicativa.

Os significados da noção de competência são muitos, pois diversos autores abordam o tema. Marques (2011) relata que é atribuído a Noam Chomsky o conceito de competência no processo de aquisição de linguagem. Noam Chomsky (1978 apud MARQUES, 2011) apresentou a noção de competência primeira-



mente em seu livro *Aspectos da teoria da sintaxe*, distinguindo-o de *performance*. O linguista definiu competência como o conhecimento inato dos sistemas da língua e *performance* ou desempenho como a compreensão e a produção dos sistemas dessa língua. O tipo de competência proposto por Chomsky (1978), que hoje ficou conhecido como “Competência Linguística”, nada mais é do que o conhecimento que permite criar sentenças gramaticais melhor construídas.

Marques (2011) aponta que, em 1972, o antropólogo Dell Hymes conceituou competência de forma mais ampla, dando origem ao termo competência comunicativa. Esse novo conceito opôs-se ao de Chomsky, pois, para Hymes (apud MARQUES, 2011), a competência comunicativa envolvia não apenas o conhecimento dos sistemas da língua, mas o saber utilizar a linguagem de acordo com o contexto. Dessa forma, ele acrescentou o componente sociolinguístico ao conceito.

Para Hymes (1978 apud SILVA, 2004), não era o bastante que o indivíduo soubesse e usasse a fonologia, a sintaxe e o léxico da língua para caracterizá-lo como competente em termos comunicativos. Era preciso que, além disso, esse indivíduo soubesse e usasse as regras do discurso específico da comunidade na qual estava inserido. Para ele, o indivíduo demonstra possuir competência se souber quando falar, quando não falar, a quem falar, com quem, onde e de que maneira. Diante disso, segundo Dell Hymes (1991 apud OLIVEIRA, 2007), ainda, o termo competência comunicativa é utilizado não apenas para se referir ao conhecimento, mas também à habilidade de usá-lo.

Luciano Amaral Oliveira, em sua obra *O conceito de competência no ensino de línguas estrangeiras* (2007), explica que a aprendizagem e o uso de uma língua requerem diversas competências que vão além do seu conhecimento lexical e gramatical. O conjunto dessas diferentes competências é denominado de competência comunicativa. Para Savignon (1983 apud FREITAS, 2007), a competência comunicativa é for-

mada por quatro elementos ou subcompetências: a competência gramatical, a discursiva, a estratégica e a sociolinguística.

Conforme Savignon (1983 apud REIS, 1998), a aptidão gramatical está ligada ao conhecimento do código verbal e não verbal do sistema comunicativo proposto e capacita o aprendiz a certificar as particularidades lexicais, morfológicas, sintáticas e fonológicas da Língua Estrangeira e condicioná-las para a criação de palavras e períodos. A aptidão gramatical, contudo, não se relaciona a qualquer teoria particular de gramática e também não supõe que o aprendiz necessite justificar as regras; faz-se satisfatório o saber utilizá-las.

Segundo a autora, a aptidão sociolinguística envolve as normas socioculturais através das quais os falantes da língua proposta se comunicam. A ideia etnográfica para o conhecimento do sistema comunicativo julga necessário não só o contexto social em que a ação comunicativa está ocorrendo, mas as funções dos participantes e as diversas informações transmitidas. Com essa aptidão, o aprendiz está apto a analisar se o que foi pronunciado é apropriado à situação estabelecida, fato que o mantém próximo ao nativo em nível sociocultural.

Para Savignon (1983 apud REIS, 1998), a aptidão discursiva induz o aprendiz a associar forma e significado em diversos formatos de textos no decorrer do processo. A competência discursiva está relacionada com a interligação de frases para formar um todo com significado.

A outra aptidão, para a linguista, refere-se à competência estratégica. Essa competência refere-se à capacidade de usar estratégias comunicativas para suprir deficiências que possam ocorrer no momento de interação comunicativa. Segundo Savignon (1983 apud REIS, 1998), por não se falar e nem ouvir perfeitamente uma língua estrangeira, a aptidão comunicativa não é absoluta, levando, portanto, ao plano de curso que pressupõe a melhora da competência estratégica.



Todas essas teorias apresentadas almejam discutir como ocorre a aquisição da linguagem, buscando maneiras mais eficazes para o ensino e aprendizagem de língua estrangeira. As escolas de inglês *online* que são objeto deste estudo dizem promover a fluência em seus alunos. Torna-se necessário, portanto, verificar se é possível correlacionar fluência com competência comunicativa.

Jack C. Richards, em seu livro *O ensino comunicativo de línguas estrangeiras* (2006), define fluência como sendo “a linguagem natural que ocorre quando um falante interage de forma significativa e consegue manter uma comunicação compreensível e contínua apesar das limitações de sua competência comunicativa” (p. 24). Para Richards (2006), a fluência é desenvolvida em salas de aula, quando os alunos utilizam estratégias comunicativas, evitando interrupções de comunicação e corrigindo algum mal entendido que possa ocorrer nessa comunicação.

Richards (2006) explica que os objetivos das atividades de precisão são diferentes dos objetivos das atividades de fluência. As atividades que tem como foco a fluência consideram o uso natural da língua estudada, enquanto aquelas de precisão refletem o uso da linguagem dentro da sala de aula. Assim, as atividades de fluência realizam a efetivação da comunicação, com o uso significativo da linguagem e com estratégias de comunicação; assim, a linguagem talvez não seja previsível, pois é vital fazer uma interligação entre o uso de linguagem e contexto. Já as atividades com foco na precisão se concentram em exemplos linguísticos corretos. A linguagem é abordada fora do contexto, com pequenas amostras de linguagem; dessa forma, a comunicação talvez não seja significativa, sendo que o tipo de linguagem utilizado é guiado. Para o autor, é interessante o professor oferecer os dois tipos de atividades, pois assim as atividades de precisão servem de base para as de fluência.

Richards (2006) afirma que não basta apenas promover exercícios de repetição, de diálogos, de gra-

mática e de pronúncia; deve-se também integrar as atividades de dinâmica em sala de aula, intensificando, assim, o trabalho em grupo, pois exercícios feitos dessa maneira oferecem maiores oportunidades para que os alunos possam utilizar o idioma, desenvolvendo a fluência.

Segundo Marques (2011), ser fluente é um desafio devido a dois fatores. Um fator está relacionado ao processo da fala que ocorre em tempo real: a pessoa fala no momento em que pensa. O outro fator que interfere na fluência trata-se do próprio processo de interação entre as pessoas. Quem pronuncia as palavras deve cooperar com quem as escuta e deve ter habilidade de relacionar os significados, possuindo compreensão sobre tudo que está sendo dito.

Para Filmore (1979 apud SANTANA), existem muitas maneiras de saber se uma pessoa é ou não fluente. O autor considera cinco tipos de indivíduos que podem ser classificados como fluentes. São eles: o indivíduo que preenche o tempo da conversa, ou seja, ele não precisa parar para refletir o que vai falar; a pessoa que faz uso de frases coerentes e racionais; o indivíduo que consegue pronunciar de forma adequada independentemente do contexto; a pessoa que usa da criatividade ao falar, apropriando-se de trocadilhos, metáforas, enfim, expressa suas ideias em diferentes estilos, e o indivíduo que possui todas essas habilidades.

Segundo Filmore (1979 apud SANTANA), ainda, o indivíduo necessita de vários conhecimentos para desenvolver a fluência oral, como: conhecer as formas linguísticas por meio não só de um amplo repertório de palavras como também do conhecimento da formação dessas palavras; ter um vasto conhecimento de mundo; conhecer os esquemas interacionais usados em uma conversa; possuir conhecimento discursivo, e saber adequar as palavras aos contextos. Dessa forma, para o autor, a pessoa pode ser considerada fluente quando consegue criar um discurso contínuo, adequado, que o ouvinte entenda, não necessariamente tendo



a perfeição na gramática ou fonética, mas sendo um discurso coerente à situação de linguagem.

Resta saber, portanto, qual o papel do aluno nesse processo de desenvolvimento da competência comunicativa e, conseqüentemente, da fluência. Para Richards (2006), esse papel mudou de acordo com as novas abordagens do ensino comunicativo de língua estrangeira, pois, anteriormente, os alunos tinham uma abordagem individualista em relação ao aprendizado e, agora, é necessário uma abordagem cooperativa. Por exemplo, nas tarefas dadas em grupos ou pares, os alunos devem se sentir à vontade para ouvir seus colegas e não apenas se espelhar no professor. É necessário que o professor seja um facilitador ou mediador do processo de aprendizado de língua estrangeira, não apenas “derramando” o conteúdo sobre os alunos. Deve-se fazer com que os alunos criem a noção de responsabilidade.

De acordo com Richards (2006), o papel do aluno hoje se baseia nos seguintes processos:

- Interagir com outros alunos e usuários do idioma.
- Criar, de forma coletiva, o significado.
- Criar, por meio do idioma, interações com significado e propósitos definidos.
- Negociar significados para o entendimento entre o aluno e seu interlocutor.
- Aprender por meio de *feedbacks* que os alunos recebem durante o processo de uso do idioma.
- Ter atenção voltada à linguagem que se ouve (*input*).
- Buscar incorporar as novas formas (*input*) em sua competência comunicativa.
- Testar e experimentar diferentes formas de expressão verbal.

Diante disso, para o autor, a fim de o aluno exercer o seu papel, ele deverá ter uma grande participação na construção de seu próprio conhecimento, ou seja, ele terá de se dedicar ao máximo, buscando sempre mais conteúdo e autogerenciando o seu próprio apren-

dizado. Segundo Lévy (2001 apud ESTIVALET, 2010), a internet amplia a possibilidade de comunicação com suas diferentes ferramentas de construção de conhecimento, podendo, assim, auxiliar a troca de informações dos alunos entre si via *e-mail*, *blogs*, *chats*, entre outros recursos. Dessa forma, o docente também deve colaborar com uma equipe multidisciplinar, que irá propor as atividades aos alunos, elaborando múltiplas mídias com os conteúdos que o aluno deverá estudar.

Segundo o autor, nessa forma de ensino criada para a internet, é formado um espaço onde os alunos interagem, postando suas ideias e opiniões, fazendo críticas e afirmações sobre as atividades de seus colegas, proporcionando, assim, uma aprendizagem em grupo, mesmo que ela não seja presencial. Estivalet (2010) ressalta a orientação do processo de aprendizagem no ensino *online*: o professor deve estar em contato com seus alunos via internet para esclarecer suas dúvidas e auxiliá-los em suas atividades, sendo imprescindível, no entanto, deixar um espaço aberto para que o aluno aprenda a ser autônomo.

Diante disso, o papel do aluno também está relacionado à obtenção de fluência, pois, de acordo com Maria Lúcia Naddeo, em seu texto *Línguas estrangeiras na maturidade* (2011), a deficiência da fluência que muitos alunos apresentam está relacionada à falta de prática de narrações e de discursos elementares, ou seja, o aluno não consegue articular, de forma correta, seu próprio pensamento. Assim, a fluência está relacionada ao papel do aluno - principalmente se for um curso *online* - à medida que o estudante só irá obter essa fluência por meio de empenho em seu autoaprendizado.

## 2 Metodologia de pesquisa

O presente artigo baseia-se em pesquisa bibliográfica. De acordo com Cervo e Bevilan (1983 apud RAUPP, 2003), a pesquisa bibliográfica explica um problema a partir de teorias já publicadas. Para Fabiano Maury Raupp e Ilse Maria Beuren no artigo *Metodo-*



logia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais (2003), esse tipo de pesquisa se desenvolve a partir de livros, artigos científicos, revistas, teses, dissertações, dentre outros. Há, portanto, a utilização de documentos que já são públicos. Com o uso desses materiais, é possível reunir conhecimentos sobre o tema pesquisado, elaborando um novo trabalho com perspectiva histórica ou reunindo diversas informações, oferecendo uma nova leitura sobre o tema.

Diante disso, torna-se necessário apresentar as escolas *Online English School 1* (OES1) e *Online English School 2* (OES2), bem como suas metodologias expostas em seus sites.

O curso de Inglês que a OES1 oferece é totalmente via internet; o acesso é ilimitado para o aluno, ou seja, ele pode estudar quanto tempo quiser, a qualquer hora e em qualquer dia em um período de 12 meses. Assim que o aluno faz o cadastro no curso, ele é levado a responder a um perfil de aprendizagem. A escola personalizará o curso de acordo com o nível de inglês do aluno, ajudando-o a alcançar suas metas. As atividades são organizadas de acordo com o nível de dificuldade, e as lições apresentam uma porcentagem que correspondem aos interesses pessoais dos alunos.

O curso não é linear, ou seja, o aluno tem de se policiar, escolhendo, assim, o que quer estudar e de onde quer começar. Uma parte do material é enviada via *e-mail* com conteúdos compostos por multimídias, textos e exercícios. O *site* também dispõe de um recurso em que o aluno pode conversar ao vivo com o professor via um *chat* com a finalidade de tirar dúvidas sobre as atividades.

A OES1 afirma que seu método de ensino se dá por meio da combinação de aulas ao vivo com aulas em multimídia, com auxílio de vídeos, áudio e apostilas, além de aulas interativas. A maioria dos professores é americana. A instituição também oferece um consultor pessoal. A escola garante que os alunos falarão inglês com confiança em apenas doze meses,

ressaltando que o custo é bem menor se comparado a uma escola de ensino tradicional. Oferecem uma garantia de fluência e, ao final do curso, o aluno recebe o certificado de fluência. Ao final dos doze meses, caso o aluno ainda não se sinta capaz de se comunicar no idioma, é oferecido a ele mais seis meses de prática gratuita com os professores, assegurando que, com esse tempo, o aluno obterá a fluência.

Para a escola, há três pilares que sustentam essa garantia de fluência, que são: os professores americanos, os consultores pessoais e o conteúdo inovador oferecido pela instituição. Para eles, oferecer professores nativos do inglês é fundamental, pois acreditam que os alunos falarão com uma pronúncia correta. Ainda em sua estrutura, a OES1 afirma ter professores considerados altamente qualificados com muitos anos de experiência na área de ensino de idiomas. Eles explicam que, apenas no nível básico, há professores que falam português, caso o aluno necessite de ajuda.

Além dos professores americanos, o outro pilar é o conteúdo inovador. Eles consideram, como conteúdo inovador, as aulas em multimídia. Essas aulas são em vídeo, áudio e apostilas. A OES 1 não utiliza a técnica de memorização de vocabulário e de conceitos gramaticais. O conteúdo utilizado pelo *site* são materiais de multimídia com 500 horas de conteúdo para serem exploradas pelo aluno, e o áudio promete auxiliá-lo na pronúncia. Esse conteúdo é aplicado às situações vividas por ele no cotidiano, como fazer pedidos em restaurantes, entrevistas de emprego, oferecer ajuda a estrangeiros, etc. Ainda em *aulas interativas*, o *site* declara que aptidões como ler e escrever podem ser desenvolvidas por meio de planilhas destinadas a acelerar a habilidade em inglês. Os alunos podem fazer *download* das lições a serem estudadas enquanto estiver em movimento.

O terceiro pilar que sustenta a fluência para a escola é o consultor pessoal. Esse consultor sempre entra em contato com os alunos para motivá-los.



É uma pessoa que ajuda a personalizar o curso de acordo com as metas de cada aluno. O *site* afirma que esse consultor entra em contato de 15 em 15 dias para acompanhar o desenvolvimento de cada aluno.

O aluno tem acesso a uma área de *checkpoints* para verificar seu desempenho. Ao passar por seis avaliações recebe o certificado de fluência. Além disso, o aluno pode analisar, a qualquer momento, o seu progresso semanal por meio de gráficos disponibilizados pelo *site*.

Já a OES2 apresenta, em sua metodologia, quatro passos que levam os alunos a terem confiança para falar inglês: aprender, aplicar, praticar e certificar-se.

No passo 1 – aprenda, é descrito que a escola oferece mais de 1500 horas de lições. Um vídeo no *site explica* que o curso se inicia com lições interativas, direcionadas às necessidades dos alunos. A instituição afirma que seu conteúdo aborda todas as habilidades do idioma, desde o vocabulário e gramática até compreensão auditiva e pronúncia.

No passo 2 – aplique, a escola afirma que, com as aulas interativas, o aluno pode aplicar as habilidades que aprendeu. Essas aulas ao vivo são em grupo ou individualmente, com professores nativos. O aluno pode escolher o tema que ele quer abordar durante as aulas.

No passo 3 – pratique, a escola assegura que o aprendizado de língua estrangeira só será completo se o aluno tiver condições de praticar as habilidades que aprendeu em situações reais. Para tal finalidade, criaram uma comunidade de alunos para a promoção da interação entre eles. São alunos de 120 países, com o mesmo nível de inglês da pessoa que participará da comunidade. Nesse passo, a escola ressalta a importância do contexto cultural. Afirmam que, dessa forma, os alunos poderão colocar em prática os conceitos dos passos “aprender” e “aplicar”.

No passo 4 – certifique-se, a escola afirma que, ao término do curso, o aluno fará um teste – o EFCELT – desenvolvido pela Universidade de Cambridge. Para a instituição, esse teste comprovará a proficiência do

aluno em inglês. Ao final do curso, o aluno adquire um diploma atestado pela *Hult Business School*.

Através dos passos descritos acima, a OES2 assegura que, em sua metodologia, o aluno aprende inglês 50% mais rápido e demonstra que seu método de ensino possui atividades interativas de inglês, com professores nativos a fim de praticar conversação. A escola explica que as aulas estão divididas em 16 níveis, do iniciante ao pós-avançado. Todas as lições são iniciadas com um vídeo. Esses vídeos, primeiramente, apresentam a gramática e o vocabulário em inglês que serão aprendidos. Depois são demonstradas situações da vida real. Há recursos interativos para aprender gramática e vocabulário, praticar leitura, redação, conversação, audição e pronúncia.

Além desses recursos, também são oferecidas aulas de conversação ao vivo, interação entre alunos de diferentes países, além das ferramentas de estudos, como o laboratório de pronúncia, laboratório de gramática, tradutor, dentre outros. A escola ressalta a importância do recurso de estudo autônomo, pois os alunos aprendem no seu próprio ritmo, com atividades de redação, compreensão oral, pronúncia, leitura e vocabulário. Os *feedbacks* são instantâneos.

### 3 Apresentação e análise dos dados

Foram selecionadas algumas palavras e frases das metodologias expostas nos *sites* de cada escola que remetem à competência comunicativa, à fluência e ao papel do aluno. Para uma melhor compreensão, esses elementos encontram-se tabulados abaixo.



Competência Comunicativa	Frases que remetem à competência comunicativa	
	OES 1	OES2
Competência gramatical	“Em vez de ficar decorando vocabulário e gramática, aqui você aprende na prática, em atividade”.	“Há milhares de horas de lição aqui. Elas cobrem vocabulário, gramática, compreensão oral, pronúncia e todas as outras habilidades em idiomas”.
Competência sociolinguística	“Durante todo o seu curso, você conhecerá muitos professores diferentes com seus próprios sotaques regionais”.	“O contexto é o principal: A língua inglesa é falada no mundo todo em diversos contextos. E esta é uma das melhores vantagens da [...]”.
Competência estratégica	“Pratique fazendo perguntas, falando de seu jeito através de cenas do cotidiano”.	“As aulas de conversação em inglês são nosso recurso mais popular na [...] porque é nas aulas que você fala inglês e ouve o idioma autêntico, usado no dia a dia”.

**Quadro 1:** Competência comunicativa nas metodologias das escolas analisadas



Além das frases relacionadas à competência comunicativa, também foram selecionadas quatro frases que remetem à fluência.

Frases que remetem à fluência	
OES1	OES2
“Bem-vindo à primeira escola de inglês <i>online</i> que garante sua fluência em 12 meses - tudo no conforto de sua casa ou escritório!”	“Em 3 etapas práticas, guiamos você até a fluência em inglês com resultados impressionantes!”
“Fluência Garantida: Nós temos tanta certeza que você vai aprender inglês conosco que te oferecemos a Garantia de Fluência. E na conclusão do teu curso você recebe o seu Certificado de Fluência.”	“O diploma certificado pela <i>Hult International Business School</i> mostra às empresas que você é fluente em inglês, e você passa a ser muito mais valorizado!”
“Garantia de Fluência: Se você não se tornar fluente em 12 meses, nós lhe daremos mais 6 meses de prática gratuita com nossos professores.”	“Seja fluente em inglês. Sinta-se <i>ótimo</i> e confiante. Aumente o impacto de seu currículo. O diploma de inglês da [...] ajuda você a chegar lá.”
“Milhares de estudantes de todo o mundo se formaram em nosso programa e passaram a usar sua fluência no inglês para o sucesso pessoal e profissional.”	“Aqui, você aprende inglês 50% mais rápido e ganha confiança para falar fluente.”

**Quadro 2** – Fluência nas metodologias das escolas analisadas



Abaixo estão algumas palavras e frases que remetem ao papel do aluno nas metodologias das escolas, que são objeto do presente estudo.

Papel do aluno na metodologia da OES 1	
Palavra/ Expressão	Oração
Interagir Criar, de forma coletiva, o significado	“Temos classes separadas para alunos Principiantes, Intermediários e Avançados e mantemos nossas classes pequenas e pessoais para permitir que nossos professores lhe deem atenção e <i>feedback</i> individuais.”
Criar interações com propósitos definidos	“O curso é personalizado de acordo com sua profissão, interesses, metas pessoais.”
Negociar o significado para o aluno e seus interlocutores se entenderem	“Pratique fazendo perguntas, falando de seu jeito através de cenas do cotidiano e usando um novo vocabulário e a gramática com professores e alunos da vida real.”
Ser autônomo	“Estude a qualquer hora, em qualquer lugar, como for melhor pra você!”
<i>Feedbacks</i>	“O curso da [...] é formado em torno de seis Pontos de Controle que avaliam as aptidões de falar, entender, ler e escrever. Além de obter suas notas, você terá uma avaliação detalhada e recomendações de estudo para acelerar seu progresso.”

Quadro 3 – Papel do aluno na metodologia da OES1



Papel do aluno na metodologia da OES2	
Palavra/ Expressão	Oração
Interagir Criar, de forma coletiva, o significado	“Interação com alunos do mundo todo: Ao fazer um curso <i>online</i> na [...], você interage com muitos alunos. Em nossas aulas de conversação em grupo, você vai falar inglês com alunos do mesmo nível. E você pode praticar seu inglês na vida real em um evento do [...]. Acompanhado pelo professor nativo, você treina conversação num ambiente descontraído e sem pressão.”
Criar interações com propósitos definidos	“Todo mundo tem seus motivos para aprender inglês. Você pode querer melhorar sua carreira ou participar de cursos com palestrantes internacionais. A OES2 pode preparar você para ser fluente em inglês para negócios ou <i>Business English</i> para você alcançar seus objetivos.”
Negociar o significado para o aluno e seus interlocutores se entenderem	“As aulas de conversação <i>online</i> foram criadas para você testar o que acabou de aprender de forma segura e descontraída, monitorado por um professor nativo, tanto nas aulas em grupo como nas aulas particulares.”
Ser autônomo	“Na [...], você tem o que precisa: independência, flexibilidade e suporte de uma equipe qualificada.”
<i>Feedbacks</i>	“Entendemos o valor de ver progresso rápido e contínuo, com um <i>feedback</i> detalhado e instantâneo”.

#### Quadro 4 – Papel do aluno na metodologia da OES2

Diante dos dados obtidos, faz-se necessário responder à pergunta de pesquisa proposta. Para tal finalidade, é imprescindível fazer uma correlação desses dados com o aparato teórico exposto.

O desenvolvimento da competência comunicativa é formado, segundo Savignon (1983 apud FREITAS, 2007), pela competência gramatical, discursiva, estratégica e sociolinguística. A OES1 afirma que seu método não é limitado a decorar regras gramaticais, conforme observado no levantamento dos dados. Segundo Savignon (1983 apud REIS, 1998), essa aptidão gramatical não significa justificar regras, mas sim saber como utilizá-las. Diante disso, pode-se dizer que a obtenção dessa competência está presente na metodologia da OES1, tendo em vista que a escola asse-

gura serem tanto as habilidades de conversação como o vocabulário aprendidos pelos alunos, com aulas que melhoram a compreensão e a leitura. A OES2, por sua vez, também insere a aquisição da competência gramatical em sua metodologia, pois promete o desenvolvimento do vocabulário, da gramática, da compreensão oral, da pronúncia e de todas as outras habilidades em seu *site*.

A competência discursiva, para Savignon (1983 apud REIS, 1998), ocorre quando o aluno consegue correlacionar frases, formando, assim, um significado. A OES1, com suas aulas interativas, apresenta em sua metodologia o uso de situações reais, em que o aluno terá de ter a habilidade para se comunicar de modo significativo. A OES2 também demonstra essa preocu-

pação ao oferecer “inglês real para situações reais”, apontando a prática do idioma em situações autênticas. No entanto, não fica clara, nos *sites* (mas pode-se inferir), a relação do uso de uma linguagem significativa com a coesão e a coerência em textos quer orais ou escritos.

Para a autora, ainda, a competência sociolinguística envolve elementos socioculturais da linguagem, refletindo o conhecimento do contexto social e da cultura do outro país, o que leva o aluno a ter condições de saber se algo que foi dito está adequado ou não. A OES 1, ao propor aulas com professores nativos, com seus próprios sotaques regionais, já insere o contato com a cultura de outro país bem como o conhecimento das diferenças regionais que a língua apresenta. A OES2 deixa, de forma clara, a sua preocupação com o contexto ao afirmar que ele é o principal, já que a língua inglesa é falada no mundo todo em diferentes contextos. Ainda ressalta a importância da Comunidade OES2 nesse processo, pois o aluno na comunidade falará com pessoas de diversos países com contato a contextos sociais diferentes.

A competência estratégica, conforme Savignon (1983 apud REIS, 1998), é o uso de recursos verbais e não verbais pelo aluno para compensar alguma limitação no momento da comunicação. Ambas as escolas expõem, em suas metodologias, a possibilidade de o aluno praticar tal competência. A OES1 relata que, com as aulas interativas, os alunos falam “do seu jeito” através de cenas cotidianas. A OES2 esclarece que, em suas aulas de conversação, o aluno consegue falar inglês como no “dia a dia”, podendo, para tal finalidade, fazer uso da competência estratégica.

Através desse levantamento de dados, é possível concluir, também, que as duas escolas analisadas asseguram a obtenção de fluência ao término do curso. Para as escolas, com a realização das atividades propostas, como áudios, vídeos, conversas com professores nativos e acompanhamento de atividades, os alunos serão fluentes. Para Filmore (1979), uma

pessoa precisa ter vários conhecimentos para o desenvolvimento da fluência oral de um idioma, como conhecer formas linguísticas, formação de palavras, possuir um vasto conhecimento de mundo, etc. Essa noção de fluência, portanto, torna-se complexa, pois a OES1 estipula prazos para a sua obtenção, e a OES2 assegura um aprendizado 50% mais rápido, não sendo analisados nem o ritmo individual do aluno nem o conhecimento que cada aluno já traz consigo.

Como foi visto na primeira parte deste artigo, para o ensino de língua comunicativa, é necessário a utilização de alguns princípios que, conforme Marques (2011), são: o princípio comunicativo 1 e 2, o princípio da significância, a contextualização, o uso de tarefas comunicativas, o uso da criatividade e o princípio da autonomia.

Correlacionando esses princípios aos dados obtidos, é possível perceber que eles também são contemplados nas metodologias das escolas analisadas, já que o princípio comunicativo 1 e 2 explicam, respectivamente, que qualquer atividade promotora da comunicação é válida para o aprendizado e que o aluno aprende a se comunicar, comunicando-se. Assim como é apontado no princípio das tarefas comunicativas, a OES1 e a OES2 informam, em seus sites, que a contextualização é promovida por meio de situações simuladas da vida real. Já o princípio da significância também está presente, pois o aprendizado ocorre quando tudo faz sentido aos aprendizes, e isso é assegurado por ambas as escolas que personalizam seus cursos de acordo com os interesses dos alunos. Além disso, os alunos são responsáveis pelo seu próprio aprendizado, são autônomos, assim como rege o princípio da autonomia, pois os próprios aprendizes realizam um autogerenciamento de seu aprendizado, visto que toda função de baixar materiais e estabelecer horários para o curso partem diretamente dos alunos. Diante disso, pode-se dizer que as escolas abordadas no presente artigo criam um ambiente de autoaprendizagem: para a OES1, o aluno estuda a qualquer momento, em qual-



quer lugar, de acordo com o que lhe for melhor; para a OES2, a escola oferece tudo o que o aluno necessita, inclusive sua independência.

O papel do aluno no desenvolvimento da competência comunicativa mudou, de acordo com Richards (2006), pois se tornou necessário a existência de uma abordagem cooperativa. Para o autor, é imperativo haver (1) interação entre os alunos, (2) criação coletiva de significado, (3) criação de interações com propósitos definidos, (4) negociação do significado entre aluno e interlocutor e (5) aprendizagem com uso de *feedbacks*. Esses fatores, segundo a proposta metodológica das escolas analisadas, estão presentes. De acordo com os dados levantados, nas duas escolas, há interação entre alunos que estão aprendendo o idioma através das salas virtuais e das comunidades, criando coletivamente o significado. A negociação do significado entre alunos e interlocutores é obtida por meio das aulas de conversação online que as escolas proporcionam. Há aprendizagem com objetivos definidos, os cursos são personalizados de acordo com as metas pessoais de cada um. Ambas as escolas descrevem, em suas metodologias, a importância do uso de *feedbacks* para “acelerar o progresso”, como a OES1 afirma. Essa escola faz uso de *checkpoints* com a finalidade de os alunos verificarem seu desempenho. Já a OES2 apresenta um *feedback* instantâneo dados pelos professores.

Com base nessa análise, é possível responder à pergunta de pesquisa, afirmado que as escolas de inglês *online* analisadas apontaram, em suas propostas metodológicas, tanto o papel do aluno comunicativo no processo de desenvolvimento da comunicação em língua estrangeira quanto a aplicação das subcompetências comunicativas em suas metodologias. No entanto, no que tange à obtenção de fluência, não foram levados em conta o ritmo do aluno e o conhecimento individual que ele já traz para o curso **online**.

## Conclusão

O presente artigo retratou a intenção de verificar se escolas de inglês **online** apresentam, em suas metodologias, o papel do aluno comunicativo. Assim, objetivou-se realizar uma análise de duas escolas de inglês **online** escolhidas aleatoriamente aqui nomeadas de OES1 e OES2. Para tal finalidade, buscou-se um aparato teórico reunindo informações sobre o tema pesquisado: comunicação e fluência.

Verificou-se que os significados de competência comunicativa são muitos, mas focou-se no conceito de competência comunicativa, conforme apresentado por Savignon (1983 apud REIS, 1998). Tornou-se necessário averiguar se era possível correlacionar fluência com competência comunicativa. Para isso, utilizaram-se teorias de Richards (2006) para definir o que é a fluência bem como diferenciar os objetivos das atividades de fluência e das de precisão.

Retratou-se o papel do aluno no processo de desenvolvimento da competência comunicativa em língua estrangeira. Percebeu-se que esse papel mudou. No ensino atual, o aluno deve ter autonomia, ser responsável pela construção do seu próprio aprendizado. A escola tem suas obrigações com o aluno, porém o aluno também tem seu papel no processo de ensino-aprendizagem. Esse papel depende dele e do seu comprometimento. Além disso, o papel do aluno se baseia em alguns processos como interação entre alunos, criação coletiva do significado, aprender utilizando *feedbacks*, tentar incorporar as novas formas de linguagem em sua competência comunicativa.

Com esses pressupostos, foi realizado um levantamento de dados partindo de palavras e frases que as escolas expõem em suas metodologias em seus **sites**. Foram analisadas frases e palavras que remetem à competência comunicativa, à fluência e ao papel do aluno comunicativo.

Ao analisá-las, foi possível concluir que as escolas apontam, em suas propostas metodológicas, o papel do aluno comunicativo, permitindo responder à



pergunta de pesquisa proposta. Foi possível concluir, através do levantamento de dados, que as escolas asseguram a obtenção de fluência com a realização de seus cursos, porém a OES1 estipula prazo para isso e a OES2 assegura que o aprendizado é 50% mais rápido. No entanto, não é levado em conta o ritmo individual, os conhecimentos individuais e o domínio de aprendizagem de cada aluno, elementos que Filmore (1979) determina ser necessários.

O presente artigo apresenta limitações, pois se restringiu à análise de apenas duas escolas de inglês **online**, escolhidas aleatoriamente, dentro de uma infinidade de escolas **online** oferecidas na Internet. Apesar dessas limitações, espera-se que este artigo traga contribuições para o campo de estudos de ensino de idiomas **online**, bem como para a Educação a distância em geral.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANALE, M. Communicative Competence to Communicative Language Pedagogy. In: RICHARDS, J.C.; SCHIMIDT, R. W. **Language and Communication**. New York: Longman Group Limited, 1996.
- CRYSTAL, David. O futuro dos "ingleses". In: **A revolução da linguagem**. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005. p.19- 50.
- ESTIVALET, Gustavo Lopes e HACK, Josias Ricardo. **Ensino de língua estrangeira a distancia: reflexões sobre o ensino/aprendizagem da habilidade oral**". Palhoça, SC. 2010. Disponível em: <[http:// www.abralin.org/abralin11\\_cdrom/artigos/Gustavo\\_Estivaleto.PDF](http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Gustavo_Estivaleto.PDF)>. Acesso em: 02 out. 2012.
- FILHO, Almeida. **A abordagem comunicativa do ensino de línguas: promessas ou renovação na década de 80. Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 7, dez. 1992.
- FREITAS, Lígia Beskow de. **Sobre a fossilização e o papel da atenção no processo de aquisição de inglês como língua estrangeira: um estudo de caso**. Pelotas: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, RG, 2007. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/Freitas-2007.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2012.
- GHERARDI, Márcia Regina Marcolino. **A abordagem comunicativa e o sócio construtivismo e suas contribuições para o processo ensino-aprendizagem**. Departamento de Letras, Universidade Veiga de Almeida. Pós-graduação em Língua Inglesa, RJ, 2006. Disponível em: <[http:// www.latec.ufrj.br/monografias/Monografiamarcia.pdf](http://www.latec.ufrj.br/monografias/Monografiamarcia.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2012.
- LIMA, Rosangela Nunes de. **A utilização de uma abordagem comunicativa no ensino de inglês em turmas de adolescentes do ensino médio**. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Faculdade de Letras – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Curso de Mestrado em Letras: Língua inglesa e suas literaturas. Maceió, 2007. 72f. Disponível em: <[btd.ufal.br/tde\\_arquivos/1/TDE-2008-03-28T112710Z-196/Publico/Dissertação\\_RosangelaNunesdeLima\\_Completa.pdf](http://btd.ufal.br/tde_arquivos/1/TDE-2008-03-28T112710Z-196/Publico/Dissertação_RosangelaNunesdeLima_Completa.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2012.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.moodle.ufu.br/.../Ingles\\_no\\_mundo\\_contemporaneo.doc](http://www.moodle.ufu.br/.../Ingles_no_mundo_contemporaneo.doc)>. Acesso em: 20 set. 2012.
- MARQUES, Florinda Scremin. **Ensinar e aprender inglês: o processo comunicativo em sala de aula**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- NADDEO, Maria Lúcia Mercante. **Línguas estrangeiras na maturidade**. Disponível em: <[http:// www.senioridade.com.br/conteudo/empregabilidade/mostra\\_empregabilidade.php?id=61](http://www.senioridade.com.br/conteudo/empregabilidade/mostra_empregabilidade.php?id=61)>. Acesso em: 01 out. 2012.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **O conceito de competência no ensino de línguas estrangeiras**. Feira de Santana, n.37, p.61-74, julho/dezembro de 2007. Disponível em: <[http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/37/o\\_conceito\\_de\\_competencia.pdf](http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/37/o_conceito_de_competencia.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2012.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Como se**



**aprende uma língua estrangeira?** Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/como.htm>>. Acesso em: 21 set. 2012.

RAUPP, Fabiano Maury Raupp; BEUREN, Ilse Maria.

**Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências Sociais.** 2003. Disponível em: <[http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap\\_3\\_Como\\_Elaborar.pdf](http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2012.

REIS, Mariza. O conceito de Competência Comunicativa. In: **A importância da Competência Gramatical no Ensino Comunicativo em Língua Inglesa.** São Paulo: Oficina de Textos Editora, 1998. p. 20–24.

RICHARDS, Jack C. **O ensino comunicativo de línguas estrangeiras.** Tradução de Rosana S. R. Cruz Gouveia. São Paulo: SBS, 2006. (Portfólio SBS: reflexões sobre o ensino de idiomas; 13).

SANTANA, Patrícia de Oliveira; COSTALONGA, Joelma; FABIANO, Kessya Pinitente. **Estudo contrastivo entre a fluência oral em língua portuguesa e língua inglesa.** Disponível em: <<http://www.univen.edu.br/revista/n008/ESTUDO%20CONTRASTIVO%20ENTRE%20A%20FLU%20CANCIA%20ORAL%20EM%20L%20CDNGUA%20PORTUGUESA%20E%20L%20CDNGUA%20INGLESA.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2012.

SILVA, Vera Lúcia Teixeira da. **Competência comunicativa em língua estrangeira: que conceito é esse?** SOLETRAS, São Gonçalo, RJ: UERJ, Ano IV, n. 08. São Gonçalo: UERJ, julho/dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/8sup/01.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2012.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil.** Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837/2144>>. Acesso em: 26 set. 2012.

TEELER, D.; GREY P. **How to use the internet in ELT.** Essex: Longman, 2000.